



OFICINA DO CES

ces

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Faculdade de Economia
Universidade de Coimbra

CARINA GOMES

**VIVER NO CENTRO DA CIDADE:
PRÁTICAS, DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE
A BAIXA DE COIMBRA**

**Julho de 2007
Oficina nº 280**

Carina Gomes

**Viver no centro da cidade:
Práticas, discursos e representações sobre a Baixa de Coimbra**

**Oficina do CES n.º 280
Julho de 2007**

Carina Sousa Gomes¹

Centro de Estudos Sociais

Viver no centro da cidade:

Práticas, discursos e representações sobre a Baixa de Coimbra²

Resumo: As cidades e os processos que têm vindo a enformar o seu desenvolvimento assumem-se como objectos especialmente ricos para a investigação sociológica. São constituídas por conjuntos de símbolos e imagens que se expressam na vida quotidiana dos seus residentes e vão, ao longo do tempo, sendo associadas a sentimentos e valores. Neste texto, trata-se então de perceber as formas como a população residente no centro histórico de Coimbra se relaciona com o espaço envolvente, a importância que lhe atribui e as formas como a zona condiciona ou favorece aspectos das suas vivências quotidianas.

Introdução

Mais de metade da população mundial vive hoje em contexto urbano e, tendo em conta as projecções demográficas actuais, prevê-se que, dentro de meio século, esta população duplique. Se a este factor somarmos as condições precárias que se vivem em muitas cidades e metrópoles actuais, “reconheceremos de imediato que, ao longo das próximas décadas, se torna absolutamente inevitável construir não apenas *mais* cidade, mas também *melhor* cidade” (Fortuna, 2002: 123).

Esta cidade, constantemente marcada por projectos e políticas, ora parece transformar-se “de uma forma vertiginosa, ora parece permanecer imutável na sua morfologia e na sua identidade” (Fortuna, 2003: 207). É neste sentido que podemos, hoje, encarar os seus centros antigos como “um instrumento privilegiado para analisarmos a dialéctica urbana da permanência e da mudança e para apreendermos a

¹ Socióloga, investigadora júnior do Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas do Centro de Estudos Sociais.

² Este trabalho é parte integrante da pesquisa no âmbito do projecto “Dinâmicas de recomposição socioeconómica dos centros históricos: o caso de Coimbra”, financiado pela FCT (POSI/SOC/60886/2004) e executado pelo Centro de Estudos Sociais, e resulta também da investigação que desenvolvi durante o ano de 2005, no âmbito da minha dissertação de licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, intitulada *Modos de vida nas cidades e processos de reabilitação urbana: o caso da Baixa de Coimbra*, orientada pelo Prof. Doutor Claudino Ferreira a quem quero manifestar, novamente, os meus agradecimentos pelas notas e sugestões feitas.

cidade no seu todo” (*ibid.*), bem como indagar sobre as diferenças entre a *cidade imaginada* e a *cidade vivida*.

São precisamente as dimensões da Baixa de Coimbra, enquanto *cidade vivida*, que pretendo explorar neste texto. Procuo avaliar as formas como num contexto com uma organização espacial específica, uma população com características sociais singulares constrói o seu quotidiano, avalia, apropria e se relaciona com o espaço envolvente e com os restantes habitantes desse mesmo espaço.

Começo por descrever algumas características fundamentais dos processos de crescimento e transformação das cidades europeias modernas, focando essencialmente as suas dimensões simbólicas: o objectivo é discutir a forma como essas dimensões se reflectem nos modos de vida em contexto urbano e, em particular, nos centros antigos das cidades.

Em seguida, caracterizo a Baixa de Coimbra, o referente empírico deste trabalho, como um lugar histórico e central no contexto da cidade, tendo em atenção, nomeadamente, a sua população residente.

Analiso, por fim, os percursos biográficos de três indivíduos residentes na zona, tomados aqui como ilustrações exemplares de modos diversos de viver no centro antigo da cidade que, de forma mais ampla, foram identificados no desenvolvimento da pesquisa empírica. Exploro o discurso e as representações de cada um sobre as suas experiências quotidianas na zona. Tentando perceber as formas como constroem o dia-a-dia naquele local, centro a análise nos seus modos de integração local, nos padrões de mobilidade que revelam e nas formas de avaliação e percepção do meio envolvente. A hipótese que pretendo defender é a de que o carácter heterogéneo da população residente, marcado também pela singularidade de cada percurso biográfico, promove a multiplicidade e a diversidade de concepções, sentimentos e atitudes no que respeita aos modos de vida na Baixa. As distinções encontradas permitem, então, a identificação de diferentes perfis de utilização e vivência do espaço.

1. Modos de vida e dimensões simbólicas das cidades

O crescimento das cidades e os processos de urbanização são dos “fenómenos mais impressionantes dos tempos modernos” (Wirth, 2001: 45).

Em “A metrópole e a vida do espírito”, Georg Simmel (2001) fala das mudanças que a condição urbana trouxe às formas tradicionais de solidariedade. Também Louis Wirth, no seu texto “O urbanismo como modo de vida”, forneceu pistas sobre os modos de vida nas cidades. Sinteticamente, as características que os dois atribuem à condição da vida urbana, isto é, ao “complexo de traços que configuram o modo de vida típico das cidades” (Wirth, 2001: 49), passam, a nível individual, pela maior liberdade, mas também pela insegurança, a instabilidade e a sensação de solidão, o individualismo e o egoísmo. Por outro lado, a nível social, esse modo de vida reflecte-se no carácter mais impessoal das relações que se estabelecem, na fragmentação e na segmentação da vida social (Simmel, 2001; Wirth, 2001).

O anonimato e o individualismo que, como resulta das interpretações de autores tão referenciais como Simmel ou Wirth, marcam culturalmente as cidades modernas e sobretudo as grandes metrópoles, não impedem no entanto que elas se reiventem como palcos de sociabilidades intensas e relações sociais de proximidade que moldam também a sua tessitura sócio-cultural. Nesse plano, os centros das cidades, e muito especialmente os centros de cidades de longa história, revelam-se espaços particularmente interessantes de articulação entre essas dimensões apenas aparentemente contraditórias das culturas e dos modos de vida urbanos.

Nos seus processos de desenvolvimento histórico, as cidades viram algumas das suas funções principais afastarem-se em direcção a zonas periféricas. Fruto desta alteração funcional, nos centros permaneceram, por um lado, as camadas sociais mais frágeis e, por outro, as velhas elites. Pelo contrário, as classes médias e as indústrias deslocaram-se para as zonas periféricas das cidades. No entanto, os antigos centros das cidades continuam a ser habitados e são, de acordo com vários autores, espaços propícios a que se estabeleçam relações sociais próximas, redes de vizinhança e de solidariedades e sentimentos de pertença relativamente aos espaços em causa.

As relações de vizinhança assumem, com efeito, um papel central no âmbito da compreensão dos modos de vida nas cidades. O conceito de vizinhança tem sido usado, nas ciências sociais, em muitos sentidos diferentes: muitas vezes é associado a conceitos como grupo ou comunidade; por vezes a redes de relações interpessoais ou de sociabilidades; outras vezes, ainda, a um tipo de organização do espaço frequentemente confundido com a noção de bairro.

Michel, Bassand e Lehmann (1982) mostram que, a partir de meados do séc. XX, o conceito de vizinhança entrou em declínio, fruto da enorme mobilidade dos cidadãos e do crescimento do fenómeno urbano que, supostamente, impossibilitam as relações de vizinhança. No entanto, um conjunto de estudos sobre diversas cidades pós-industriais tem vindo a contestar a morte da vizinhança, demonstrando que esta, em contexto urbano, está longe de ser uma realidade social residual ou moribunda (*ibid.*: 52-67).

Jean Rémy e Liliane Voyé falam, também, da cidade como o lugar por excelência “onde grupos vários, embora permanecendo distintos uns dos outros, encontram entre si possibilidades múltiplas de coexistência e de trocas mediante a partilha legítima de um mesmo território, o que não somente facilita os contactos programados, mas principalmente multiplica as hipóteses de encontros aleatórios” (Rémy e Voyé, 1994: 14 e 15). Referindo-se aos bairros tradicionais, afirmam que tais lugares são o símbolo, por excelência, da história e da memória colectiva (*ibid.*: 92 e 100).

É no mesmo sentido que aponta o trabalho de António Firmino da Costa sobre o Bairro de Alfama, em Lisboa. O autor descreve o bairro como tendo um aspecto labiríntico, com uma malha urbana antiga, de elevada densidade e irregularidade. Argumenta que esse carácter labiríntico contribui para “os sentimentos de pertença colectiva que os residentes tendem a desenvolver para com o bairro: não só de que «lhe pertencem», mas de ele «lhes pertence»”, uma vez que, ao frequentar o bairro, os habitantes percebem-no e sabem usá-lo (Costa, 1999: 307). As ruas estreitas, os largos e as escadas, as casas pequenas e contíguas “tornam a rua uma espécie de espaço semi-público, de utilização corrente e interacção entre vizinhos” (*ibid.*: 308).

Assim, se nas cidades contemporâneas se observa a existência de relações sociais distantes, marcadas pelo anonimato e o individualismo, admite-se também a existência de redes de solidariedade, de relações próximas de vizinhança e conhecimento mútuo. Esta dualidade de situações, pondo em causa a homogeneidade e a linearidade da vivência nas cidades, confirma as teses da diversidade e heterogeneidade do espaço urbano. Como lugares de diversidade, as cidades comportam estilos de sociabilidade também diversos.

Luís Baptista afirma que quando falamos de cidades, falamos, essencialmente, dos espaços físicos que as enformam: da configuração, da alteração e da dimensão desses espaços. No entanto, devemos falar também das imagens que lhe vão sendo associadas e que devem a sua existência a práticas e discursos diversos (Baptista, 2003: 35 a 40).

Na verdade, os espaços não se reduzem à sua dimensão física. Tanto nas suas dimensões territorial e política, como nas suas expressões sociais, culturais e simbólicas, as cidades representam a complexidade multiforme do mundo moderno e as dinâmicas que marcam a sua permanente mutação. Implica isto que as cidades devam ser consideradas, simultaneamente, na sua configuração física, historicamente construída; na sua dimensão social, como contextos territorializados de interacção social e espacial; e na sua dimensão simbólica, tendo em conta as representações, os símbolos e as imagens que lhes são associados. Estas dimensões não são estáticas: são antes dinâmicas, alterando-se no tempo, de acordo com as mudanças que se processam na sociedade.

Nesta linha de pensamento, as cidades são, além de tudo o resto, conjuntos de símbolos que, ao longo da história, vão sendo hierarquizados e têm expressão tanto nas estruturas físicas, como nos aspectos da vida quotidiana e nos discursos acerca da cidade. Esta dimensão simbólica da cidade está intimamente relacionada com os indivíduos que lá residem, uma vez que os locais vão sendo associados a valores, acontecimentos históricos e sentimentos (Shields, 1992: 29).

Estes símbolos urbanos estruturam e condicionam a actividade social, contribuindo para definir a identidade social e moldar as interacções entre os indivíduos. Por outro lado, a actividade e a interacção sociais concorrem para a reprodução e a modificação dos símbolos urbanos porque, não se limitando a herdar passivamente uma tradição simbólica, os indivíduos interpretam-na e modificam-na (Mela, 1999: 144 a 149).

Contudo, a cidade não se apresenta a todos da mesma forma. Se alguns indivíduos a encaram como o lugar cujos ares *libertam*, outros olhá-la-ão com desconfiança ou suspeita, outros ainda com uma aparente indiferença. A cidade é, assim, um espaço plural, dotado de sentidos múltiplos, conforme a heterogeneidade de interpretações feitas pelos seus habitantes. Ou seja, “o quadro físico não tem um efeito directo e unívoco sobre as práticas sociais”, pelo que “uma forma construída não determina as utilizações que comporta” (Ascher, 1998: 77).

Frutos da densidade histórica do lugar, isto é, do modo como a história gera a sobreposição de processos, temporalidades, populações e grupos sociais, actividades e elementos culturais e simbólicos, os centros antigos das cidades são lugares onde a diversidade dos modos de viver se revela com particular intensidade.

2. A Baixa de Coimbra: um enquadramento histórico

São precisamente os modos como os indivíduos vivem o centro antigo da cidade que analiso no contexto da Baixa de Coimbra. Esta zona da cidade, além de historicamente central, pelas origens da formação da cidade, é, ainda hoje, dotada de centralidade social. Constitui um ponto de passagem importante para outros locais na cidade e está dotada de uma série de equipamentos e serviços importantes para a cidade. Além disso, é ainda uma zona politicamente central, constituindo-se como o local onde se encontra sediado o poder autárquico.

A Baixa é, então, um ponto de referência essencial no contexto urbano da cidade de Coimbra. Retratada num variadíssimo leque de discursos e dotada de grande valor histórico, patrimonial, social e político, esta zona apresenta-se como um símbolo urbano fundamental.

Após a reconquista cristã da cidade, a população começou progressivamente a instalar-se fora das muralhas. No final do século XII, a cidade já não se limitava à zona dentro das muralhas, existindo, na verdade, pelo menos quatro núcleos habitacionais fora das muralhas, à volta das paróquias de Santa Cruz, São Bartolomeu, São Tiago e Santa Justa (Gomes, 1995: 63), que deram origem à construção de oficinas, lojas e mercados. Com a ocupação fora da muralha, foi-se formando uma estrutura urbana assente em duas zonas diferenciadas na cidade, a Alta e a Baixa: a primeira intra-muros e a segunda fora da muralha e junto ao rio. A cada uma das zonas estavam associados usos e funções também diferenciados: enquanto a Alta era habitada pela nobreza, pelo clero e algum povo, a Baixa era ocupada por oficinas e mestres.

A instalação da Universidade, em 1308, reforçou aquela divisão entre a Alta e a Baixa, pois D. Dinis terá ordenado que apenas as pessoas ligadas ao meio académico pudessem “pousar na parte da cidade para cima da Porta de Almedina” (Góis, 1998: 35). Ter-se-á, assim, intensificado a dualidade entre as duas zonas: a Alta ligada ao mundo académico; e a Baixa, um meio popular ligado ao comércio tradicional e aos serviços.

Juntamente com a Universidade, D. João III ordenou, a partir de 1537, a construção de vários colégios universitários para as ordens religiosas, o que contribuiu para mudar radicalmente o aspecto da cidade. Coimbra viveu, então, um forte crescimento demográfico, provocado não só pelo acréscimo da população universitária, mas motivado também pelo desenvolvimento dos novos serviços essenciais para a estadia de estudantes e docentes.

Até ao século XVI, era na Baixa que se instalavam predominantemente as actividades comerciais e as oficinas (Salgueiro, 1992: 272-278). Um novo impulso de crescimento e desenvolvimento da cidade deu-se no último quartel do século XIX. Com a extinção das Ordens religiosas, os avanços da industrialização e o desenvolvimento da pequena burguesia, a cidade experimentou uma nova expansão e crescimento urbanístico, tecnológico e económico. O crescimento deu-se, então, em direcção aos núcleos urbanos periféricos, nomeadamente no sentido de Celas, da encosta do Montarroio, Montes Claros e Quinta de Santa Cruz.

No decurso do século XX, a evolução da cidade e a transformação da Baixa foram muito marcadas pela intervenção planeadora dos poderes públicos, que foram inscrevendo no tecido urbano sinais dos paradigmas urbanísticos e das políticas para as cidades dominantes no resto da Europa. Entre as décadas de 1940 e 1980, foram elaborados três planos de urbanização para a cidade: os planos de Etienne De Gröer nos anos 1940, de Almeida Garrett na década de 1950 e de Costa Lobo nos anos 1970.

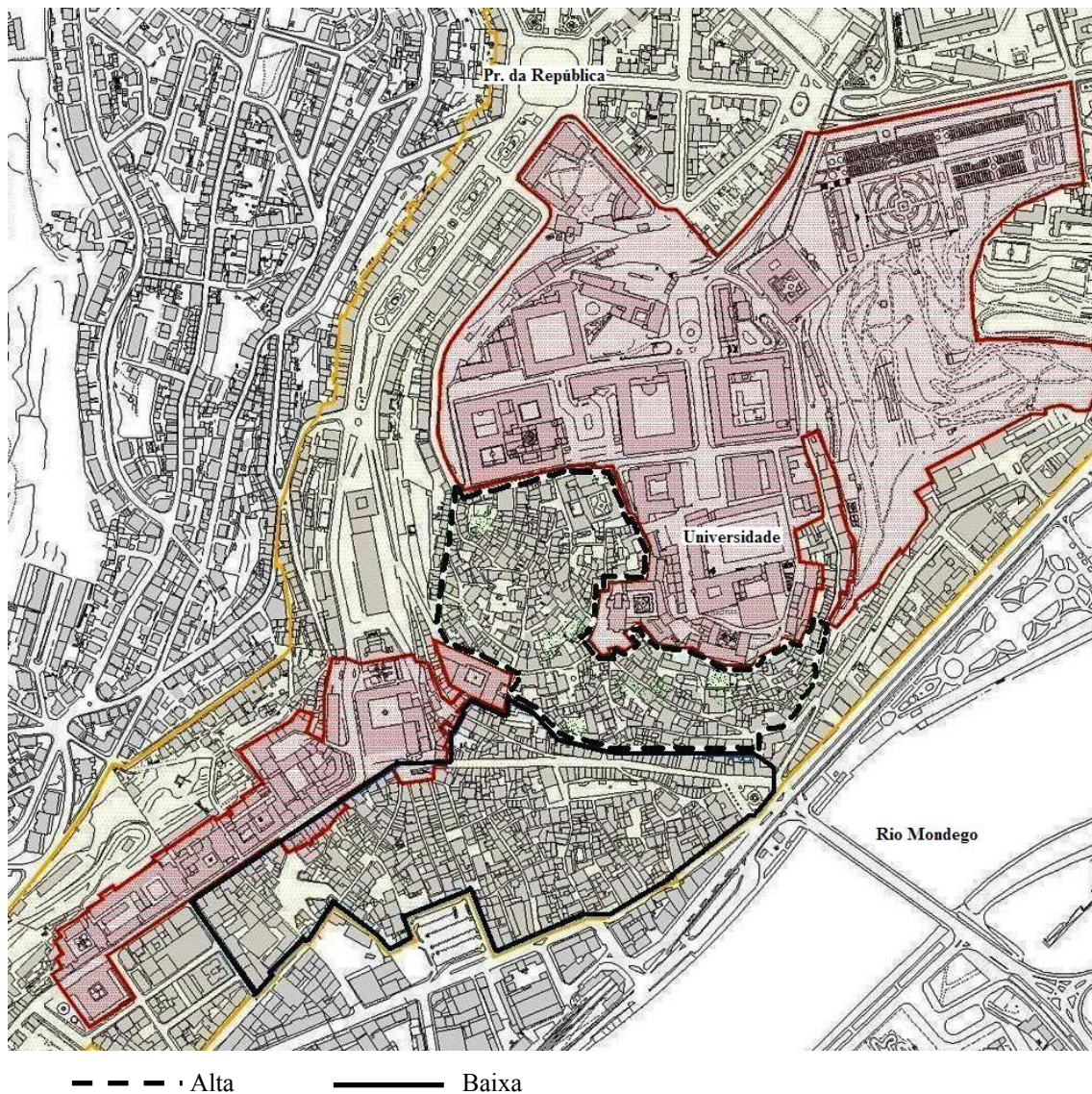
Em qualquer um destes planos é notória a preocupação com a vertente estética da cidade e, especificamente, o cuidado com a preservação do centro urbano. De Gröer pretendia desenvolver Coimbra, conservando as suas belezas naturais e históricas. Garrett, por sua vez, interessava-se pela defesa das margens do Mondego das cheias provocadas pelo rio e igualmente com a melhoria das ligações entre a Alta e a Baixa. Por último, Costa Lobo pretendia que o seu plano contribuísse para o bem comum da cidade, desenvolvendo-a sem prejudicar o seu carácter paisagístico e ambiental (Gomes, 1995; Santos, 1983).

Nenhum dos três planos foi seguido ou executado até ao fim, o que levou a um certo caos urbanístico na cidade (Góis, 1998: 17 e 18). É tendo em conta esta condição que Pedro Dias afirma não ter havido, neste período de desenvolvimento da cidade, qualquer género de articulação com as áreas urbanas mais antigas (Dias, 1992).

Com o crescimento contínuo da cidade, desenvolveram-se áreas que se constituíram como novas centralidades urbanas, contrastando com a Alta e a Baixa, que começaram a merecer cada vez mais a atenção e a preocupação da autarquia local, sobretudo pelo nível de degradação física que apresentam. Desde a década de 1990, têm vindo a ser fomentados programas e medidas de recuperação e defesa das áreas históricas da cidade que, segundo os próprios responsáveis autárquicos, têm em vista a renovação urbana dessas zonas, mas também o sustento das suas formas tradicionais de economia (Fernandes *et al.*, 1997).

Para a Alta, registam-se vários programas PRAUD, a criação de um Gabinete Técnico Local (GTL), a declaração como área crítica de recuperação e reconversão urbanística e um projecto URBCOM. Para a Baixa, por seu turno, contam-se os projectos PROCOM (1995), PRU (1995), PROCOM (1999) e o Processo de Renovação Urbana e Social da Baixa (2004).

Figura 1: Mapa da área central da cidade de Coimbra



Através da análise da documentação oficial relativa a cada um destes projectos, verifica-se a existência de diferentes lógicas argumentativas, por parte da autarquia, para a justificação das práticas de renovação urbana na cidade. O primeiro argumento refere-se ao valor patrimonial do centro histórico da cidade e à necessidade da sua

preservação para que a memória colectiva seja também conservada. O segundo reporta-se a questões de higiene, segurança e melhoria das condições de vida da população residente. O último argumento, numa linha distinta, consiste num apelo à competitividade da cidade através da renovação do centro histórico, criando imagens que possam ser divulgadas para fomentar a procura turística.

No que respeita especificamente à Baixa, a zona apresenta um conjunto de ruas estreitas e sinuosas, onde habita predominantemente, de acordo com os retratos mais correntes, uma população idosa e com baixos recursos económicos (Catarino, 1995: 142). Ainda assim, no contexto de uma investigação recente³, a Baixa encontrada revela-se “bem mais ‘jovem’ do que porventura se esperaria” (Fortuna, Peixoto e Gomes, 2005: 9): embora o grupo de residentes com 65 ou mais anos de idade mereça destaque (23,1% do total), o escalão etário com maior representação é o dos 16 aos 24 anos (25,1%) que, agrupado ao dos indivíduos como menos de 16 anos, dá forma a um terço do total da população residente.

Esta diferenciação etária, para que muito contribuem os estudantes universitários, promove outras segmentações. Em primeiro lugar, uma diferenciação ao nível dos tipos de ocupação apresentados: embora a maior parte dos residentes tenha emprego (35,7%), os restantes dividem-se maioritariamente em estudantes (28,8%) e reformados ou pensionistas (25,9%). Em segundo lugar, nota-se igualmente uma polarização nos níveis de escolaridade: grande parte dos residentes completou o ensino secundário (30,4%) e uma parte importante (10,1%) o ensino superior. Ainda assim, estes dados contrastam com a proporção dos que não possuem qualquer formação escolar formal (11,5%) e dos que completaram apenas o 1º ciclo do ensino básico (25,4%).

Em virtude das distinções anteriores, não é de estranhar que a maior parte da população, que tem ou teve no passado um emprego, pertença ao grupo profissional dos trabalhadores não qualificados (22%) e que estes sejam seguidos de perto pelo pessoal dos serviços ou vendedores (21,8%). Não será igualmente de estranhar, fruto da proporção de residentes com o ensino secundário ou superior, que uma percentagem

³ Levantamento sociológico, coordenado pelo Prof. Doutor Carlos Fortuna, no âmbito do projecto “Processo de Renovação Urbana e Social da Baixa de Coimbra”, realizado em cooperação entre a Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Coimbra. A delimitação da Baixa usada neste projecto é a que uso, também, no presente trabalho e engloba a freguesia de S. Bartolomeu e parte da de Santa Cruz. A zona é delimitada a nascente pela muralha da cidade, a sul pelo Largo da Portagem, a poente pelas avenidas Emídio Navarro e Fernão de Magalhães e a norte pela Rua do Carmo e Largo do Arnado.

considerável (16,7%) pertença aos especialistas das profissões intelectuais ou científicas, ou aos técnicos e profissionais de nível intermédio.

O que encontramos na Baixa não é, então, uma população com traços uniformes como os que habitualmente lhe são apontados, mas sim uma população socialmente diversa e, principalmente, polarizada em dois grandes grupos: os jovens estudantes universitários (19% do total de residentes) e os mais idosos, reformados e com baixas qualificações académicas (16%). Além destes dois pólos, encontramos situações intermédias que contribuem, igualmente e de forma significativa, para o carácter plural da população residente, intrincando ainda mais as já de si complexas formas de sociabilidade que se vão estabelecendo e recriando naquela zona.

A somar a este carácter diverso da população residente, encontram-se outras distinções ao nível funcional das actividades que coexistem na Baixa. A organização espacial da área passa mais por usos não residenciais do que por utilizações residenciais: 32% dos edifícios identificados são usados unicamente por funções não residenciais e 15% são ocupados maioritariamente por este tipo de usos; para além disso, 60% do total de fracções autónomas são usadas para funções não residenciais.

Por outro lado, é importante referir que 9% dos edifícios, bem como 23,5% do total de fracções autónomas, se encontram devolutos, factos que vão ao encontro das situações de abandono e esvaziamento que têm vindo a caracterizar muitos centros antigos das cidades, no decorrer das transformações do espaço urbano.

Apreciando a natureza das actividades instaladas, a Baixa actual é coerente com a sua história no contexto da cidade, uma vez que continua a ser ocupada, maioritariamente, por actividades de comércio e serviços, mesmo tendo em conta o forte desgaste que o comércio tem vindo a sofrer devido à pressão concorrencial das novas zonas e superfícies comerciais da cidade.

Importa ainda perceber que estas tendências não se distribuem de forma linear ou igualitária pela zona considerada, existindo ruas que se caracterizam visivelmente pela predominância de actividades económicas, enquanto que outras concentram maioritariamente residências.

Sendo, então, a Baixa uma zona de “contrastes sociais, demográficos e culturais” (Fortuna, Peixoto e Gomes, 2005: 9), não é de espantar que a sua população, constituída por indivíduos tão diversos, apresente comportamentos, sustente concepções e opiniões também diversificados no que à vivência na zona diz respeito. Todos estes contrastes

promovem distinções que estarão relacionadas com os diferentes perfis de utilização do espaço da Baixa como contexto físico-espacial de criação e recriação de sociabilidades. Estamos, então, “perante uma Baixa que mesmo muitos daqueles que a cruzam quotidianamente têm dificuldades em reconhecer” (Fortuna, Ferreira e Peixoto, no prelo).

3. Percursos biográficos e modos de vida na baixa

Quando se pretende explorar os modos de vida de uma população específica, a aliança entre metodologias quantitativas e qualitativas é a forma mais apropriada para apreender, por um lado, tendências gerais e, por outro, dimensões motivadoras, sejam elas afectivas ou pragmáticas, ilustrativas das tendências identificadas. Se dados quantitativos bastam para traçar a caracterização da população residente, bem como das condições do edificado e da habitação, não satisfazem, no entanto, a exploração dos modos de vida da população residente. Utilizo, neste sentido, um conjunto de histórias de vida⁴, um método de investigação mais poderoso, que permite penetrar na realidade mental dos indivíduos e descobrir quais as categorias e as lógicas pelos quais percebem o mundo (McCracken, 1988).

As histórias de vida aqui apresentadas são exemplos de percursos biográficos que levaram a uma residência actual na Baixa. Tratando-se de uma metodologia qualitativa, o seu objectivo não é o de generalizar, mas sim situar os números da pesquisa quantitativa no seu contexto social e cultural (McCracken, 1998). Como tal, estes discursos não pretendem ser representativos da população residente mas ilustrativos de percursos singulares que permitem, ainda assim, elaborar uma análise sociológica das formas como a Baixa de Coimbra é vivida e sentida por aqueles que lá residem.

Luís Baptista argumenta que os indivíduos que vivem numa cidade usam, em geral, dois planos para interpretar as realidades que os rodeiam: referem-se, por um lado, ao contexto urbano como um espaço vasto e indefinido que provoca inquietude e surpresa; e reportam-se, por outro, aos “lugares de referência identitária, [aos] sítios concretos que pelo efeito da partilha quotidiana e de identificação com o outro aproximam e aconchegam” (Baptista, 2003). Estes lugares de referência identitária

⁴ Entre Junho e Setembro de 2005 realizei um conjunto de 9 histórias de vida a residentes da Baixa. Os indivíduos foram seleccionados em função do sexo, grupo etário, ocupação e tempo de residência na zona, uma vez que foram estes os factores que, numa análise estatística dos dados provenientes do levantamento sociológico, revelaram estabelecer diferenças estatisticamente significativas nas opiniões e nos comportamentos dos inquiridos.

podem assemelhar-se ao que Alain Metton e Michel-Jean Bertrand chamam de *espaço vivido*, espaços urbanos que são habitualmente personalizados e apropriados de forma diferente por cada indivíduo (Metton e Bertrand, 1974: 139).

É este tipo de relação que pretendo, agora, explorar no contexto da Baixa de Coimbra, isto é, os usos e as apropriações do espaço, como lugar de referência, dotado de conteúdo simbólico e criador de sentido para as acções. Os três exemplos que se seguem retratam, então, três perfis de utilização e vivência na zona.

3.1. Isabel

A Isabel tem 68 anos, não possui formação escolar, é solteira e tem um filho. Nasceu numa aldeia nos arredores da cidade de Coimbra, onde morava com a mãe e os irmãos. Naquela época gostava de lá morar, e ainda hoje gostaria de regressar.

Ah! Se gostava! Ainda hoje gostava de viver lá. É verdade, ainda hoje gostava de lá viver. [...] Porque sim, porque gosto da minha terra. E gosto de ver a minha família e gosto de ver pessoas amigas. Pronto, gosto da minha terra. Gosto. Se me saísse o totoloto ainda lá ia fazer uma casa. Voltava para lá. Eu gosto daquilo. Eu gosto daquilo.

No seu discurso é visível a relação positiva, baseada em critérios afectivos relacionados com a família e os amigos, que a Isabel ainda mantém com o local onde nasceu. Os vínculos identitários àquele lugar são fortes e provocam na Isabel o desejo de regresso.

Tenho muitos amigos. Ainda hoje tenho lá muita gente amiga. Muitos ainda lá estão. Gostei por causa disso. Se eu um dia tiver o azar de acertar o totoloto, já não digo a sorte porque sei que ele não me sai, era lá que eu ia fazer uma casa. Com os irmãos e amigos. Aquela vizinhança ali onde nós andávamos, fomos sempre amigos. Eles e elas.

A dimensão afectiva é importante e, neste caso, as relações de sociabilidade primárias são cruciais para a relação positiva com o território.

Os problemas que sentia estavam relacionados com algumas dificuldades financeiras que não lhe permitiam ter acesso aos bens e conforto que, porventura, desejaria.

Bem, a primeira era que no Verão não havia água. A água era pouca e não era nada boa. Íamos lá a um senhor que já é pó, tinha uma grande quinta e tinha água boa para beber. Depois nós, a garotada, saltávamos o muro e íamos lá, juntávamo-nos dois ou três, íamos encher as vasilhas todas de água e toca a levar para casa. E mais, pronto, não havia fogões a lenha, eléctricos, não havia gás, não havia nada. Era ir à lenha aos pinhais, com calor ou frio, chuva, ou fosse o que fosse, tínhamos que ir à lenha, levá-la para casa para fazer o comer, para fazer a broa, que a gente não tinha broa, não era? Lambarices não havia, mas sempre sopa e um bocadinho de broa havia.

Aos 21 anos foi morar com o filho para a Baixa de Coimbra, para a Rua João Cabreira, escolhida pela proximidade ao local de trabalho. Nesta mudança, deixa de contar o factor afectivo e passa a estar em jogo um motivo prático e funcional de relação territorial.

Eu já trabalhava naquela rua há muitos anos e já conhecia a rua e apareceu aquela casinha e ficámos por lá.

A Isabel tinha uma relação bastante positiva com aquela residência, onde esteve durante mais de quarenta anos e que, segundo ela, era uma zona calma e sossegada. Não tinha outros familiares a residir perto de si, mas tinha amigos, principalmente na vizinhança, que caracteriza como uma família. Apesar da casa ter algumas condições deficientes de habitação, a Isabel prefere-a em comparação com a residência actual.

Naquela zona onde eu estava? Gostava muito mais do que nesta [Rua da Moeda]. Porque estava mais habituada, já tinha muita gente amiga. [...] Tinha lá aquelas pessoas, morava lá muita gente, agora é que não e aquelas pessoas conheciam-me desde criança, não é? [...] Às vezes à noite a minha casa com as vizinhas todas, no Verão. Todas sentadas ao fresco a fazer renda. Na varanda a conversar. Aquilo é como se fosse ali tudo uma família. E eu vim para aqui, fartei-me de chorar, porque eu gostava muito daquilo. Gostava daquela rua e gosto daquela rua. Só que agora não há hipótese nenhuma, agora não pode ser mais nada. Aquilo acabou. Mas gostava e gosto daquela rua. Passo lá todos os dias. Até vou dar a volta para passar por ali. Era calma. Aqui há uns anos para cá começou a ser mais barulhenta de noite, mas era calma, sim senhor. Era calma e era boa gente, como já disse. Eu gostava imenso daquela rua. [...] Mas fui obrigada a sair e estranhei e eu aqui todos os dias... andei aqui a chorar mais de um mês. E ainda elas vinham todos os dias ter comigo à noite. Ora vinha uma, ora vinha outra, porque estavam todas para o mesmo. Os problemas dali, não havia tantos problemas porque, pronto, a casa estava muito deteriorada, mas eu conforme podia ia arranjando.

O sentimento mais notório neste discurso é a nostalgia relativamente ao local anterior de residência. A Isabel encara-o como se de um passado perfeito se tratasse, por oposição ao presente em que as suas redes de apoio e solidariedade, baseadas na vizinhança e amizade, se fragmentaram.

Outro aspecto interessante é a identificação territorial da Baixa que a Isabel constrói da Baixa. Não a encara, neste ponto, como um todo; segmenta-a em ruas distintas. De um lado, a rua onde morava primeiramente e que, apesar de ter começado *a ser mais barulhenta de noite*, era o local preferido; do outro, a rua actual que, como se verá, comporta, na sua opinião, diversas características negativas.

No início de 2005, devido a um plano de requalificação da Baixa, mudou-se para a Rua da Moeda, paralela à Rua João Cabreira. A distância entre as duas ruas que, geograficamente é de escassos metros, comporta para a Isabel uma ruptura afectiva enorme, responsável pela desestruturação da estabilidade a que estava habituada.

Na residência actual continua a não ter outros familiares, além do filho, a residir perto de si. Os amigos que tem são, essencialmente, os vizinhos que tinha na residência anterior, com quem mantém um contacto frequente e realiza algumas actividades de lazer e convívio. Conhece os actuais vizinhos, mas as suas relações são distantes, situação responsável pelos seus sentimentos de solidão e isolamento.

A gente aqui não conhece ninguém. É muito diferente. Por isso é que eu chorava, porque via-me aqui isolada. E de vez em quando ainda choro. Quando penso bem nisto ainda me dá para isso. E aqui sempre este barulho, estas máquinas. Isto é de dia e de noite.

Ainda assim, apesar da sensação de isolamento que afirma sentir, a Isabel continua a usufruir da companhia das vizinhas da residência anterior, com quem, muitas vezes, se desloca a diferentes locais na Baixa. Entre os mais frequentados encontram-se espaços comerciais, igrejas e cafés.

A lado nenhum. Só à mercearia, aviar algumas coisas ou ao Pingo Doce, ou a um lado qualquer. Só as coisas que são precisas, não vou para casa de ninguém. E vou à igreja. [...] Porque gosto de lá ir. Vou à missa, de vez em quando passo, aviar um recado, e vou. Nem que seja para sair aqui do escuro, entro na igreja, estou lá um pedaço. Vou mais a esta, mas se passar na Sofia também sou capaz de entrar. [...] Aquele café é uma maravilha, eu gosto de café a saber a café mesmo e vamos lá de vez em quando.

No entanto, mesmo para fins lúdicos, a Baixa continua a ser vista como um espaço fragmentado, nomeadamente pela referência a alguns espaços específicos. Como local para passear, a Baixa é escolhida, essencialmente, pela proximidade.

À Baixa, pois, tem que ser na Baixa mesmo. Para sair daqui um bocado. Praça Velha, Rua Ferreira Borges e ao Domingo também vamos, eu mais a velhota que estava ali ao pé de mim, “olha, anda mais eu, anda dar uma voltinha que eu depois quero andar e não posso.” “Olhe, isto é que é uma vida, chame o seu filho que vá consigo.” Que ele não vai. E pronto, lá vou eu dar uma volta mais a velhota.

A Praça Velha e a Rua Ferreira Borges são dois lugares bastante próximos da sua residência, factor passível de ser interpretado como indicador de escassa mobilidade.

Acresce a isto que as suas actividades quotidianas são igualmente realizadas na Baixa. Todas as compras para a casa são feitas na zona, bem como as compras de roupa e as deslocações ao banco. Esta preferência deve-se factores distintos:

Normalmente é no Pingo Doce. Porque a gente escolhe por onde quer. [...] Também está perto. Roupa compro onde calha. É num lado qualquer mas sempre na Baixa [...] Porque eu gosto da Baixa. É porque conheço as pessoas, é porque estou perto e porque vejo que gosto de uma coisa, entro e compro. Se eu precisar, não é? Se eu não precisar não compro. Fico a olhar para ela mas fico lá no mesmo sítio. É. Quando eu preciso de roupa de cama é sempre naquela pessoa da Rua do Corvo. Aqueles dois irmãos que lá estão, uma casa de enxovais. Se eu precisar de alguma coisa é ali que eu vou. O que é que eu vou fazer para longe? Vou pagar senhas, vou moer as pernas e os preços são iguais.

A proximidade e as relações interpessoais são, repetidamente, decisivas para a permanência da Isabel na Baixa. Considerando que todos os serviços que utiliza estão na Baixa e que, para além disso, alimenta relações de sociabilidade mais ou menos próximas com quem oferece esses serviços, a Isabel não sente qualquer necessidade de deslocação a outros locais da cidade. Esta relação com a cidade enquanto espaço mais amplo constrói-se, antes, através da *feira* e do *lúdico* como factores de mediação.

Conheço aí muitas festas. A Queima das Fitas. Às vezes, quando eu estou bem-disposta, vou ver o cortejo, que eu gosto de ver aquilo. As festas da Rainha Santa, também gosto de ir ver. Vou sempre ver. Isso não falha. E são as únicas festas que há, não é? Não há mais nada. Às vezes há aí em baixo, agora no Verão tem havido para aí muito rancho. Ainda agora são três meses que há aí muito rancho e assim, mas de noite eu não vou. Nem vou para lá para comer, nem beber, nem dançar. Eu passo. Se gostar de alguma coisa compro. Se não gostar ando.

Não é apenas para ver o cortejo da Queima das Fitas ou as festas da Rainha Santa que a Isabel se desloca; frequenta outros locais na cidade e nos seus arredores, com o filho e as vizinhas da residência anterior, para passear e para se distrair.

Dar uma volta de autocarro ao Domingo e ao Sábado, mais o meu filho, mais uma delas minha vizinha, se elas quiserem ir. Vamos lá dar aquela volta, que é uma volta muito boa, até à Sereia dar uma volta, por ali acima. Eu conheço aquilo tudo, estou aqui há muito ano. [...] Mais de resto também é só isso, mais nada. Vou ao Penedo da Saudade, também vamos para lá muita vez, assim à tardinha. [...] Já tem calhado de autocarro. Vou de autocarro até ao Continente. Saímos, vou dar uma volta por lá. Se compro, compro. Se não compro venho embora no autocarro, dar a volta por outro lado. Vamos no autocarro e vimos. [...] É para ver se saio daqui um bocado, desta espelunca da Baixa. Eu até gosto da Baixa, estou-lhe a chamar um nome mas não é cá do coração. Eu gosto da Baixa. Eu gosto da cidade toda. Pronto, são muitos anos de cidade.

É nítida, aqui, a relação afectiva e emocional, extremamente ambígua, que a Isabel mantém não só com a sua habitação, mas também com a Baixa e a cidade.

A residência actual possui melhores condições do que a anterior, a Isabel sente-se confortável nela mas, ainda assim, preferia voltar para a anterior. Para além disso, a Baixa é simultaneamente qualificada como *espelunca* e como um lugar do *coração*, ao qual está habituada e que, apesar de todos os inconvenientes, a satisfaz enquanto espaço de residência. Está implícito nesta parte do discurso um forte sentimento de pertença em relação à Baixa, pois *muitos anos de cidade* contribuem para que goste da zona, com a qual está familiarizada, embora a caracterize com adjectivos menos positivos que, ainda assim, não são pronunciados *do coração*. Aliás, se tivesse possibilidade de mudar de casa, uma das alternativas preferidas seria, precisamente, outra zona na Baixa.

Não tenho outro jeito, tenho que gostar mesmo. Não gosto tanto como daquela, mas tenho que gostar. Sempre estou mais confortável do que na outra. Só que é tudo independente uma coisa da outra, não é? É tudo diferente, mas esta é mais confortável. Tem mais espaço. Se pudesse levar esta

para o sítio da outra levava. Mas se me aparecesse uma casa, pronto, já não digo por menos porque sei que não encontro, mas pronto, pelo preço desta e noutra sítio da Baixa, com mais claridade, eu... gostava de viver noutra casa, mas na Baixa. Que fosse melhor do que esta, mais alegre.

Como factores aliados à escolha de permanência, contam-se os aspectos que, segundo a Isabel, valorizam a Baixa e que são, essencialmente, o comércio, os eventos culturais e populares e o turismo, mas também a construção de novos edifícios que se distinguem da malha urbana antiga.

O comércio dá valor à Baixa, não é? E a Baixa já teve mais comércio do que tem agora. Mas ainda tem assim um comerciazito regular, razoável. Os mercados e ali prédios do Bota Abaixo, grandes prédios que fizeram ali, que é uma maravilha, tudo novinho, ninguém lhes pega porque é muito caro, mas pronto. O comércio é que realmente marca a Baixa. [...] E as festas. São o comércio e as festas, não é? Porque havendo festas há comércio maior. Agora vem aí, que é que vem de festas aí agora? Ah, os turistas todos. E ranchos quase todos os dias à noite. Dão também muito valor à Baixa de Coimbra e vai fazer muito comércio. Começando na Praça Velha. É as barraquinhas com petisquinhos. É uma maravilha.

Pelo contrário, como desvantagens da Baixa, aponta a pouca higiene das ruas e a poluição, bem como a pobreza e a insegurança nocturna.

A minha rua lá daquele lado era limpinha. Tudo ia pôr o lixo nos caldeiros. À noite não havia saco nenhum na rua. Nesta já não. Esta fecha o comércio e é aquilo tudo cheio de sacos de lixo na rua, às portas. Há coisas boas mas também há coisas más. A poluição. Por causa do lixo, por causa daquele gásóleo queimado dos carros e tudo isso. É tudo isso. [...] Nunca ia à vontade aí por fora de noite. Nesta rua ou noutra qualquer. Até de dia é preciso ter cuidado, que fará de noite? Mas não ia sozinha para lado nenhum.

A ambivalência afectiva que atravessa o discurso da Isabel acerca da Baixa está em larga medida associado aos vínculos relacionais que medeiam a sua relação com o espaço urbano. Na residência actual, onde está desde o início de 2005, ainda não consolidou redes de amizades e/ou de solidariedades comparáveis às que tinha na casa anterior. Daí as sensações de deslocamento e isolamento que revela.

3.2. Paulo

O Paulo tem 35 anos, nasceu em Coimbra e é engenheiro informático. Estudou em Coimbra e começou a trabalhar com 25 anos noutra cidade. Casou com 32 anos e vive com a esposa na Baixa.

Antes da residência actual, o Paulo morou em seis locais diferentes na cidade, o que lhe confere um certo nível de conhecimento e lhe permite estabelecer comparações interessantes entre lugares.

Viveu até aos três anos na zona de Celas, até ir para Moçambique, onde esteve cerca de um ano. Quando regressou a Coimbra foi viver para a zona de Santo António dos Olivais, onde esteve até aos 25 anos. O Paulo caracteriza aquela zona como uma das mais agradáveis da cidade, cujo único problema era a insuficiência de espaços verdes.

É uma zona bonita e arejada. O sítio é sossegado. É relativamente central. E... e é isso. [...] Problemas? Da zona? Não. Nada de especial. Havia, essencialmente, poucos sítios para jogar futebol e eventualmente... por acaso naquela zona falta um pouco de espaços verdes relativamente amplos. O mais próximo que existe é o Jardim da Sereia que não é assim tão longe mas é um pouco... É um dos sítios mais agradáveis de Coimbra para se viver, na minha opinião. É um dos, existem outros.

Os únicos familiares que tinha na zona eram, precisamente, as pessoas com quem morava. No entanto, as pessoas com quem mantinha relações mais próximas moravam relativamente perto.

Amigos tinha, familiares não. [...] Tinha amigos que moravam ali na zona. Relativamente perto. [...] Quer dizer, moravam para lá do Pavilhão dos Olivais que também é relativamente perto. Não era assim tipo ao lado de casa mas moravam ali na zona. Um dos meus melhores amigos que, por acaso, ainda é um dos meus melhores amigos agora, nós vínhamos da escola, da preparatória, do Martim de Freitas e gostávamos muito de discutir política na altura, com 11 ou 12 anos. [...] Mas de resto era o habitual. Era jogar futebol sempre que podíamos, andar, sempre que estava bom tempo, andar a correr lá pela zona, saltar muros, trepar árvores. O habitual.

O Paulo possuía, então, fortes redes de sociabilidade nessa zona, assentes não só na presença de familiares, mas também de amigos.

Aos 25 anos decidiu ir viver para o Monte Formoso, para uma casa onde já viviam alguns amigos. Caracteriza esta zona como menos agradável do que a anterior, mas o único problema que sentia prendia-se com alguma agitação nocturna.

É uma zona diferente. Tem pouco a ver com a zona onde eu morava antes mas, na verdade, como coincidiu com uma altura de trabalho relativamente pesado da minha parte, só ao fim-de-semana e pouco é que eu aproveitava a zona. Durante a semana acordava de manhã e chegava à meia-noite ou assim. Não era tão agradável. Tinha coisas curiosas mas... não estou a dizer que desgostasse mas eventualmente não me veria a viver ali durante uns anos valentes. Eram zonas diferentes e os Olivais eram mais agradáveis. Havia um bar por baixo de nós, uma discoteca que volta e não volta tinha algumas confusões. Mas eu nunca tive problemas lá, nunca me senti inseguro lá.

As redes de sociabilidade que possuía nessa zona eram menores, uma vez que não tinha familiares a residir perto e os únicos amigos eram os que moravam consigo.

As únicas pessoas que eu conhecia no Monte Formoso, no início, eram os amigos com quem eu vivia. Nem vim a conhecer. Eles, que já lá viviam há mais tempo, até pertenciam a uma associação de moradores do Monte Formoso mas eu, como durante o período que lá estive, como coincidiu com uma altura complicada de trabalho, acabei por nem me envolver.

Devido a opções de vida diferentes, decidi mudar-se para a Rua de Aveiro, onde estive poucos meses. Entretanto, voltou a mudar-se, desta vez para a zona do Vale das Flores, onde estive três anos. Considera que, apesar de algumas vantagens funcionais, não se tratava de uma zona agradável, porque estando pouco desenvolvida, não era confortável nem acolhedora.

Essa foi só três meses. Essa acho que nem conta. Era uma zona simpática, tinha uma vista fantástica sobre a cidade mas foi mesmo só um período mesmo muito pequeno. Na altura candidatei-me ao arrendamento jovem. Apesar da renda não ser propriamente muito barata, havia a possibilidade do arrendamento jovem que depois houve uma confusão com a candidatura e o rendimento não foi concedido e eu, entretanto, saí e fui para outro lado. [...] A zona agora está muito mais simpática, com o jardim que fizeram atrás e tudo mais. Mas na altura, eu quando saí de lá, estavam a começar as obras do jardim. Era... era uma zona de caixas de fósforos. O Continente dava jeito para certas coisas mas não era uma zona assim muito agradável. Tinha demasiado trânsito e um bocado impessoal a zona. [...] Estavam lá umas bombas de gasolina onde eu ia comprar o jornal. A zona não tinha problemas mas não era propriamente a zona mais confortável, não era um espaço acolhedor.

Continuava sem familiares a residir perto, mas tinha amigos próximos, com quem realizava actividades de lazer, facto que, para o Paulo, constituía uma mais-valia.

Tinha alguns amigos que moravam lá, tipo no Bairro Norton de Matos. Sim. Até tinha vários amigos lá no Bairro Norton de Matos e íamo-nos visitando de vez em quando. Tinha essa vantagem.

Por motivos familiares, procurou um sítio novo para morar. Entretanto foi-lhe disponibilizada uma casa na Baixa, no Adro de Cima. Acabou por ir morar nessa casa com dois amigos até ao casamento, quando passou a viver com a esposa.

Mais uma vez, estava à procura de casa porque a minha irmã, entretanto, ia vender a dela e eu já estava e continuei à procura de casa e assim. Só que, entretanto, a minha avó disse-me que esta casa, [...] já antes de eu ter ido viver para casa da minha irmã, já me tinha andado a chatear para eu vir ver a casa, ver se gostava. Dessa vez vim realmente cá, achei piada, fiz umas pequenas obras, na altura. Depois mais tarde, quando casámos, é que fizemos obras mais profundas. Vim para cá viver com um amigo que, praticamente, acabava por estar muito pouco tempo cá porque estava muito tempo fora e, de um momento para o outro, uma amiga nossa que vivia numa república teve lá uns problemas e ficou sem casa e acabou por vir para cá viver também uns... ela veio para cá viver um mês e ficou cá nove meses!

Actualmente, além da esposa, tem alguns familiares a residir perto. No entanto, o contacto que mantém com eles não é frequente nem regular.

Aqui tenho a minha avó, tinha a minha avó, já cá não está. Tenho a minha tia e o meu tio. Quando a minha avó era viva tentava ir lá com alguma regularidade. Uma vez por semana, no máximo de quinze em quinze dias, pelo menos. Desde que a minha avó morreu não tenho ido com tanta regularidade lá mas... às vezes encontramos-nos até noutros sítios.

Não tem relações próximas de amizade estabelecidas na Baixa. Pelo contrário, as pessoas com quem melhor se relaciona residem em vários outros locais da cidade.

Aqui perto, a residir... agora... por acaso, amigos assim próximos, não tenho nenhum aqui na Baixa. Tenho alguns conhecidos mas amigos mesmo próximos não tenho nenhum a residir na Baixa e nunca tive. Não, apesar de ter havido a perspectiva de alguns virem morar para aqui mas ainda não se concretizou. [...] Estão espalhados pela cidade mas aqui em baixo não.

As relações que mantém com os vizinhos são distantes e descomprometidas, não tendo lugar qualquer género, que não casual, de proximidade com eles.

Não tenho assim uma relação de grande proximidade mas conheço-os. Conheço os do prédio e os outros conheço de vista. Os comerciantes conheço de cumprimentar, há assim alguns comerciantes que desenrascam até algumas coisas e que são pessoas simpáticas e acessíveis. Mas, no essencial, as pessoas aqui à volta são bastante mais velhas. É uma relação cordial. [...] Às vezes, durante a altura das festas populares, encontramos ali, por acaso este ano não fui lá, ali no Largo do Romal, que há ali um bailarico. Mas acaba por ser a única coisa. Ou então, às vezes, quando há feiras aqui na Praça do Comércio. [Precisa da ajuda deles para alguma coisa?] Por acaso nunca se proporcionou, nunca se colocou assim... não, na verdade, assim nada de especial. Não, pelo menos aqui nunca aconteceu. Não.

Daqui se percebe que a ligação do Paulo à Baixa se enquadra num estilo de vida e numa relação com a cidade completamente distintos dos da Isabel.

O discurso do Paulo contrasta com o da Isabel, constantemente marcado pela afectividade de quem possui grande parte das redes de sociabilidade e amizade estabelecidas naquela zona. O Paulo apenas conhece os vizinhos *de vista* e com eles somente mantém uma *relação cordial*.

O Paulo manifesta, então, um modo de vida muito menos vincado territorialmente, bastante mais móvel e desprendido.

Para além disso, demonstra uma maior capacidade crítica, ainda que construtiva, no que à Baixa diz respeito: apesar de não estar associado nem frequentar qualquer associação da Baixa, considera indispensável a sua existência.

Aqui, aqui na Baixa não. Ia a dizer... há ali em baixo, há o Salão Brasil onde tem havido alguns eventos ligados ao Jazz Ao Centro mas não é propriamente uma associação. [...] Acho indispensável aqui na zona da Baixa que essas associações existam e que estejam próximas das pessoas, que se articulem umas com as outras e que dêem motivos para haver mais pessoas a vir viver para a Baixa. Tentar injectar um bocadinho de sangue novo na Baixa que, infelizmente, está a ficar deserta.

Os locais que mais frequenta na Baixa são espaços de lazer, não só pela sua proximidade mas também pela presença de amigos.

Ali, por exemplo, o Parque da Cidade. A Praça do Comércio mais ou menos... a Ferreira Borges e depois os espaços nocturnos, o Quebra, o Shmoo e isso. O Quebra e o Shmoo, essencialmente. E talvez ali também o... um que há ali... e para jantar às vezes as tasquinhas da Baixa, que são sítios

muito agradáveis para se comer. É onde se come muito bem e barato. O Shmoo porque é de amigos. O Quebra porque me encontro lá com amigos desde sempre, desde os meus 18 anos. A isso que eu disse se junta o facto se serem locais que são próximos, o que também dá muito jeito.

Esta visão da Baixa decorre de uma percepção de conjunto territorial bem mais ampla que a da Isabel, para quem toda a zona se resume a um grupo restrito de ruas. O Paulo, pelo contrário, refere locais geograficamente dispersos por várias áreas da Baixa e, para além disso, locais de transição entre a Alta e a Baixa, pelo que a sua visão tanto desta zona, como das ligações com outras zonas da cidade, é muito mais ampla e abrangente.

Principalmente por motivos funcionais, a proximidade geográfica dos espaços comerciais, algumas compras domésticas e pessoais são feitas na zona.

Algumas pontuais, mas as compras de maior volume são feitas ou no Pingo Doce, por acaso não neste aqui da Baixa. Normalmente vamos ao Continente ou isso. Por uma questão de comodidade. Isto é, ao fim-de-semana, que é a altura em que realmente há disponibilidade, quer minha, quer da Marisa [esposa], para fazermos essas coisas, estas lojas normalmente estão fechadas. Mas roupa compramos aqui na zona, isso sim. Aqui na Baixa compra-se de tudo. Compra-se quase tudo e o comércio está aberto ao Sábado à tarde, o que dá muito jeito. Aqui há lojas que nos agradam e depois também pela comodidade da proximidade.

Para além destes motivos funcionais, existem outros, de carácter mais afectivo, que o Paulo refere para justificar o seu gosto pelo local de residência. Segundo ele, apesar da degradação física de alguns edifícios, trata-se de um espaço simpático e acolhedor.

É pela proximidade e porque é um espaço simpático isto aqui. É acolhedor. É um espaço que é acolhedor e, com bom tempo, sabe-me bem estar a passear na Baixa. Poderia ser muito mais acolhedora porque há muita coisa aqui degradada e, eventualmente, havia muita coisa para fazer, para além de trazer mais gente e outras coisas. Mas... gosto de viver na Baixa, sinto-me bem cá, apesar de ter perfeita noção de que isto poderia ser muito melhor. Mas acho que, como está, já é muito agradável.

O Paulo identifica algumas festas e feiras que se realizam na Baixa e às quais costuma ir com a esposa e com amigos. Embora de forma distinta, porque com um carácter bastante mais programado e uma vertente muito mais lúdica do que no caso da Isabel, também para o Paulo a *feira* funciona como um elemento mediador da sua relação com a Baixa. O Paulo frequenta estes eventos não só pela sua proximidade geográfica, mas também porque se constituem como oportunidades de diversão.

Aqui? Normalmente há a Feira das Cebolas aqui, há os Santos Populares ali no Romal, há as Festas da Cidade normalmente com a procissão e... ali em cima na Sé Nova normalmente costuma haver a Feira Medieval... há aqui a Feira das Velharias sempre... mais? Essencialmente são essas, acho eu. À Feira Medieval costumo ir. Aqui à Feira das Velharias às vezes também se proporciona, também é mesmo ao lado. Aos Santos Populares ali no Largo do Romal não vou todos os anos mas volta e não volta vou lá, por exemplo. [...] A proximidade ajuda mas são coisas simpáticas... porque são oportunidades de me divertir.

Sente-se confortável e gosta de viver na sua casa, a tal ponto que, perante a eventual necessidade de mudar para uma casa maior, a opção preferida é continuar na Baixa.

Acho que numa zona simpática conseguimos tornar a casa bastante acolhedora. Acho que a casa ficou muito acolhedora, apesar de eventualmente agora irmos mudar para, aqui também para a Baixa, só que para o prédio onde vivia a minha avó, lá num dos andares. Mas gosto muito da casa mas... tem algumas limitações. Se, eventualmente, a família alargar, fica um pouco mais limitada, daí a questão... mas o que se colocava era... pusemos a hipótese de ligar à casa de baixo que estava vazia mas, entretanto surgiu essa hipótese porque, no essencial, um dos critérios era tentar não sair da Baixa. Como eu disse há pouco, gosto da Baixa tal como ela está e acho que ela tem potencial para se tornarem um espaço muito, muito, muito melhor.

Tendo em conta esta visão positiva da Baixa, o Paulo refere alguns aspectos que valorizam a zona, não esquecendo, porém, aqueles que a prejudicam.

A arquitectura da Baixa, apesar de estar muito degradada, é algo que é bastante agradável. Além disso, a proximidade do rio, apesar de a cidade ter estado durante anos e anos completamente de costas para o rio. Agora, recentemente, houve alguma aproximação mas a proximidade do rio e o que o rio pode dar, o contacto com o rio, isso é excelente. Este comércio pequenino e simpático que ainda vai existindo. O comércio tradicional, sim. Os restaurantes, que também são muito agradáveis. Alguns espaços nocturnos na proximidade de qualidade. Que mais simpático há na Baixa?... Alguns começaram agora a ter qualidade. Alguns dos equipamentos. Por exemplo, o que está a ser feito agora na zona da beira-rio, há que dar o mérito ao que eles estão a tentar fazer e com alguma qualidade. Mas é relativamente incipiente mas é melhor do que se não existisse, definitivamente. São essas essencialmente as coisas boas? Mau agora a seguir?! A degradação. A degradação do edificado. A indefinição em relação ao metro que faz com que acabe por não se intervir em muitas zonas. O envelhecimento que também tem alguma coisa a ver com a pouca capacidade de intervir no edificado. E, claramente, há dificuldades de estacionamento e se se quer trazer gente jovem para o centro têm que se criar soluções de estacionamento.

O discurso do Paulo sobre as vantagens e as desvantagens da Baixa assemelha-se às visões institucionais sobre a zona. As próprias expressões que utiliza, como *a cidade ter estado de costas para o rio*, ou a melhoria do pequeno comércio tradicional, são algumas das mais-valias que têm vindo, recentemente, a ser cada vez mais usadas como elementos atractivos e formas de promoção lúdica e turística desta zona da cidade. Por outro lado, tanto a degradação do edificado, como o envelhecimento da população, como ainda a falta de regulação do estacionamento, são os problemas recorrentemente apontados à zona.

De forma geral, o Paulo considera que a vivência na Baixa é agradável mas que poderia ser bastante mais. Julga tratar-se de uma zona central mas sossegada, onde se sente confortável pois, na sua opinião, estando na Baixa, está próximo dos locais que lhe agradam e que considera importantes.

Pode-se viver muito bem na Baixa. Há gente aqui que, na verdade, vive muito mal mas é porque isto, para além de muitas outras coisas, existe aqui muita pobreza também. Se existe zona onde há pobreza na cidade é aqui na Baixa. [...] Pode-se viver com muita qualidade na Baixa mas para isso era preciso intervir nos edifícios, recuperar boa parte dos edifícios. Mas com pouco esforço conseguiria viver-se

muito melhor na Baixa mas não digo que se viva mal na Baixa. Existem pessoas que vivem mal mas não tem a ver com viver na Baixa. [...] Mas eu sinto-me confortável... por coisas que eu tenho para mim... estar na Baixa é a facilidade com que estou próximo de espaços, com grande facilidade estou próximo de espaços que me agradam muito. O rio... é estar próximo de praticamente tudo. Apesar de se falar da descentralização do centro da cidade, que está a ir para a Sólum e tudo mais e essas tentativas, na verdade aqui estou próximo de tudo o que eu gosto e que é importante. [...] É sossegado. Mesmo durante a semana com o comércio e tudo mais, é. Isto é uma zona sossegada. À noite é um deserto. [...] Eu não tenho qualquer sensação de insegurança aqui na Baixa. [...] Sei exactamente onde estão as pessoas, não tenho qualquer problema em passar por eles. Eu não os incomodo, eles não me incomodam. Não tenho sensação de insegurança.

As razões apontadas pelo Paulo são, então, de carácter essencialmente funcional: a *facilidade* e a *proximidade* são algumas das expressões que mais utiliza para justificar o seu gosto pela Baixa. Apesar de lhe apontar alguns problemas de âmbito social, o Paulo, através do conhecimento que detém da malha urbana da Baixa e das sociabilidades tipicamente consideradas como marginais que aí se estabelecem, não deixa de se sentir agradado e confortável na zona de residência.

Um conhecimento da Baixa do tipo aqui apresentado sugere aquele de que fala A. Firmino da Costa quando se refere ao Bairro de Alfama, espaço a que os seus residentes pertencem, mas que é igualmente pertença destes, dado o conhecimento que dele têm. É precisamente aqui que reside a analogia: a Baixa *pertence* ao Paulo, pois ao frequentar a zona, ele percebe-a e sabe usá-la. Daí que, reconhecendo os locais onde se instalam *as pessoas*, não experimente qualquer sensação de insegurança.

Nesta zona, aliás, é visível, segundo ele, uma sensação de comunidade diferente da que existe no resto da cidade e que acaba por traduzir-se numa certa identidade territorial.

É a centralidade e é, apesar disto parece paradoxal, apesar de não ter propriamente muitas relações com pessoas aqui da Baixa, há uma sensação de comunidade diferente do que existe no resto da cidade. A sensação de comunidade é diferente porque é uma população muito mais envelhecida. Nota-se. Com facilidade vê-se pessoas aqui na Baixa... a maior parte das casas não têm campainha na porta, portanto as pessoas para chamar, as pessoas chegam aí e assobiam ou dão um berro. Durante o dia, como é uma zona de muito comércio e de bastantes serviços, existe movimento, existe alguma vida e nota-se que as pessoas que vivem e trabalham na Baixa durante o dia têm algum gosto em estar aqui. Não há uma sensação de impessoalidade que existe noutras zonas. Não é assim uma coisa evidente e ostensiva, isto é, não podemos dizer que tem três ou quatro características marcantes mas nota-se que há uma sensação de comunidade. Pelo menos eu tenho essa sensação.

Dado curioso é que o Paulo afirma a existência dessa sensação de comunidade mas não deixa nunca de marcar a sua distância face a ela, uma vez que não tem *muitas relações com pessoas aqui da Baixa*. De facto, ao longo de todo o seu discurso, vai identificando alguns aspectos que, na sua opinião, são característicos da zona, mas não deixa nunca de se demarcar: tanto em relação às más condições de vida que porventura existem na Baixa, mas que não partilha, como no que respeita à vizinhança, agradável

mas com quem mantém apenas relações cordiais, como relativamente a esta sensação de comunidade, que existe mas da qual não faz parte.

3.3. João

O João tem 63 anos e nasceu numa aldeia do concelho de Coimbra, onde viveu até aos 53 anos, momento em que se mudou para a Baixa. Frequentou o 1º ciclo do ensino básico na freguesia de nascimento. Com 11 anos começou a trabalhar numa retrosaria da Baixa e, aos 19, saiu do país para cumprir o serviço militar. Quando regressou a Portugal, voltou a trabalhar no comércio mas, pouco depois, dedicou-se à contabilidade, ofício que aprendeu no exército. Reformou-se com 58 anos mas manteve-se ligado à contabilidade trabalhando por conta própria.

Começou por viver com os pais e os irmãos até que casou, com 25 anos, passou a viver com a esposa e, mais tarde, com os filhos. Gostava de morar na zona onde nasceu: lá tinha a família, os amigos e as pessoas com quem mantinha relações mais próximas.

Gostava muito. Nasci lá e vivi lá a maior parte da minha vida e foi com bastante pena que eu de lá saí, porque aqui a cidade, a Baixa da cidade era para vir trabalhar. À noite ia para o dormitório, que é o que faz a maior parte das pessoas. [...] Nasci lá, cresci lá, fiz a escola lá e tinha lá a maior parte dos meus amigos e das pessoas que me viram nascer e crescer e assim sucessivamente. [...] Eu gosto de Coimbra, quando vou para fora eu digo que sou de Coimbra. É evidente que sou de Coimbra mas a minha terrinha é aquela onde eu nasci, aquela onde eu abri os olhos pela primeira vez. Ainda hoje lá viveria se a coisa não tem corrido mal.

Este sentimento deve-se a motivos afectivos, a relações interpessoais e primárias de sociabilidade.

Os problemas que sentia consistiam em dificuldades financeiras, que levaram o João a interromper os estudos e começar a trabalhar.

Tinha problemas, pois é evidente que tinha problemas. Era a falta de dinheiro. Os meus principais problemas era a deslocação para a Baixa da cidade, naquele tempo era de comboio.

Uma vez que estava já familiarizado com a Baixa, escolheu-a para morar quando se separou da esposa. A localização da casa agradou-lhe pela centralidade e funcionalidade do local, que lhe permitiam estar perto de todos os serviços e equipamentos que considerava importantes.

Porque foi o único sítio que arranjei, gostei, era aqui perto de tudo, estava aqui à mão de semear, aqui na Baixa, estava pertinho de tudo. [...] Como estava pertinho de tudo. Pronto, e era sossegado, mais ou menos sossegado... Tanto podia ser ali como aqui na Rua Direita, aqui na Rua da Moeda, como na Rua Direita, como na Praça 8 de Maio, a Rua da Sofia. Pronto, desde que fosse aqui perto da Baixa.

O João encara a Baixa como um todo e não como espaço fragmentado, como faz a Isabel. O local de residência era indiferente, desde que se situasse na Baixa ou em área contígua.

O principal problema lá era o trânsito. O trânsito automóvel, aquilo para fazerem 50 metros, que era o tamanho que a rua tinha ultimamente, eram capazes de acelerar ao princípio, aceleravam logo os carros a 100, que eles chegavam aqui ao fundo e dão em derrapar, em derrapar. Nuvens de pó e não sei quantos. Era uma zona muito poluída. Muito poluída. Mas isso aqui também é um bocado assim, porque aqui, antes, até às 10 horas da manhã, circulam aqui carros que parece que andam a fazer corridas. E depois temos andado rodeados de obras há uma quantidade de anos. Sempre a deitarem casas abaixo e a construir novas, é claro... A única coisa que realmente me agradava era estar à mão de tudo.

Uma vez mais, o João refere a centralidade como o factor mais relevante na sua relação positiva com o local. Ainda assim, não deixa de lhe apontar algumas desvantagens, relacionadas com a poluição e o ruído automóveis. Estes não são, no entanto, aspectos específicos daquela zona, mas sim transversais a várias zonas da Baixa.

As redes de relações interpessoais constituídas na área de residência eram escassas, uma vez que as pessoas mais importantes para o João continuavam a morar na aldeia onde nasceu. Para além disso, não tinha, ali, familiares e os amigos eram, basicamente, alguns vizinhos. Com a restante vizinhança mantinha relações distantes.

Não tinha nenhuns, então que amigos é que eu tinha? Os amigos que eu tinha eram as pessoas da vizinhança. Os meus amigos viviam noutras zonas, viviam na zona de onde eu vinha e os amigos que eu tinha aqui na cidade viviam nas zonas deles.

Em 2005 mudou-se para outra rua na Baixa, a Rua da Moeda, que escolheu por razões distintas: a centralidade e a familiaridade com a zona e as melhores condições da habitação.

Foi o melhor que me apareceu. Porque eu vi montes de quartos cada um pior do que o outro. O de hoje era pior que o de ontem, o de ontem tinha sido pior que o de anteontem e este também não me agradou logo de princípio. [...] Foi o que mais me agradou, por duas ordens de razão principais. Primeiro, continuava a ser no coração da cidade, na Baixa. A segunda porque era muito maior. O quarto. E o terceiro porque tem uma própria casa da banho. Tem uma casa de banho própria, portanto isto é um estúdio. Se eu quisesse cozinhar, também tinha um sítio para cozinhar.

As suas redes de sociabilidade na zona mantêm-se frágeis: as pessoas mais importantes para o João são os familiares, residentes na cidade, mas fora da Baixa. Tem alguns amigos entre a vizinhança e convive com pessoas com quem, eventualmente, se cruza em espaços que partilham.

Não, aqui não tenho ninguém. As pessoas com quem eu me dou... São os meus irmãos, as minhas sobrinhas, a minha cunhada e... Moram lá onde eu vou trabalhar, porque o escritório é lá na casa do meu irmão. E pronto, e fora isso é aqui a vizinha, todos os dias damos um "olá" e alguém conhecido por quem eu passe e é as pessoas que frequentam a Liga, o restaurante e o bar.

Não conhece grande parte dos vizinhos actuais e, com os que conhece, mantém relações distantes ou até, em alguns casos, problemáticas.

Não conheço ninguém. Não há relação nenhuma. A única relação que há comigo e com eles é aqui com o pessoal aqui da pastelaria. De resto não há relação, não há relação nenhuma. [...] E pronto, e hoje sinto-me bem, só tenho pena da vizinhança. É da vizinhança e deste barulho. [...] E esta cambada aqui em cima. [...] Eu sei é que eles são aos magotes. E depois abre-se a porta lá em baixo e entra um gajo “tec-tec-tec-tec-tec”, logo a seguir desce outro “tec-tec-tec-tec”. Depois abre-se outra vez a porta. E depois são aos pares. Eu não os conheço. Não têm horas para fazer barulho. E depois põem música muito alta. De maneira que é muito bom por estar perto de tudo, estou bem instalado, relativamente bem instalado, mas tem esses inconvenientes.

A partir deste discurso, percebe-se que o João, apesar de bem instalado e das vantagens que a sua habitação e a zona de residência lhe proporcionam, não se sente completamente confortável em casa. Esta situação, quotidianamente incomodativa, está relacionada com o desassossego da zona e o ruído da vizinhança.

Entre os locais que mais frequenta na Baixa encontram-se alguns cafés e restaurantes. No entanto, estes espaços são mais frequentados pela efectiva necessidade de fazer refeições do que por motivos de lazer.

É a Rua da Sofia, Praça 8 de Maio, Visconde da Luz, Ferreira Borges, de vez em quando vou ao parque... essencialmente cafés. Porque gosto e porque tenho necessidade. Apetece-me uma bica, não vou à Avenida Sá da Bandeira bebê-la. Estou na Baixa, bebo na Baixa. Se não é aqui é acolá. Há 3 cafés especiais para mim [...] por uma questão de hábito e por uma questão de qualidade do café. Habituei-me a ir a esses cafés e pronto, é o que eu frequento.

A proximidade é importante, uma vez mais, na escolha dos lugares frequentados, bem como a sensação de que a Baixa oferece todos os serviços necessários. Daí que o João não tenha necessidade de se deslocar a outros locais na cidade.

No entanto, está implícita também, no seu discurso, uma certa dose de afectividade quando menciona alguns cafés específicos. Este carácter afectuoso está presente, aliás, quando se refere a outro tipo de locais.

Frequento a Igreja da Graça e a Igreja de Santa Cruz. Todos os dias lá vou, todos. Quando não vou já não me sinto bem. Há anos que eu faço isto, é a Igreja da Graça e a Igreja de Santa Cruz. Para coisas distintas. Sinto-me bem lá dentro e depois calha-me em caminho, percebe? Eu frequento muito a Rua da Sofia para ir ao Pingo Doce, para ir almoçar, para ir tomar o pequeno-almoço, para ir à Igreja da Graça.

O sentimento de satisfação relativamente à zona leva-o, ainda, a frequentar os seus espaços comerciais.

Porque tem tudo. Tem tudo, evitamos de ir procurar uma coisa aqui, outra coisa acolá, embora seja um bocado mais caro certas coisas mas é um espaço comercial onde a gente pode comprar tudo. Tem mais coisas, tem coisas melhores, tem coisas muito mais frescas, muito mais limpas. Roupa aqui também na Baixa. Costumo comprar aí nessas casas de pronto-a-vestir. Aqui encontro tudo

aquilo que necessito. Para onde é que eu hei-de ir? Para Celas ou para a Conchada à procura de uma coisa que eu encontro aqui? Não adianta.

Não é apenas a proximidade que está aqui em jogo mas igualmente a ideia de que a Baixa oferece aos seus residentes todos os serviços essenciais, convidando-os a permanecer por ali, demovendo-os de frequentar outros locais na cidade.

Há uma coisa engraçada, eu sou capaz de andar aí uma manhã inteira daqui para o Banco, do Banco vou à Liga, da Liga vou à Caixa de Providência, da Caixa de Providência vou à Repartição de Finanças, da Repartição de Finanças vou à farmácia, da farmácia vou lá acima à Portagem, ou ao Campeão, ou à casa de lotarias ou à Casa da Sorte. Sou capaz de andar aí uma manhã toda a girar neste percurso e não me canso. Se eu tiver que ir à 1ª repartição de finanças, chego a meio do caminho para lá e já vou cansado. Chego lá, seja de Inverno, seja de Verão, a suar que nem um desalmado. Portanto é tudo uma questão de hábito e, portanto, os meus passeios são aqui. Sempre aqui pela Baixa.

Todas as actividades quotidianas do João são realizadas na Baixa. Os níveis de mobilidade que apresenta neste espaço são bastante elevados, como se verifica, aliás, pelos locais referidos. Contrariamente, o grau de mobilidade em relação a outras zonas da cidade é quase inexistente:

Rarissimamente saio da Baixa. Só saio da Baixa normalmente duas vezes por mês. É para ir aos meus clientes a Celas. Vou lá nos primeiros 10 ou 11 dias e depois volto lá no fim do mês, levar expediente, trazer expediente, trazer cheques, essas coisas todas. De resto é sempre aqui na Baixa.

A familiaridade com a Baixa traduz-se também na facilidade com que identifica diversos eventos culturais e festivos locais. Mas, de modo geral, não os frequenta de forma intencional.

Muitas festas. Conheço-as todas, só que não vou. Porque não me apetece. Olhe, há uma festa que eu adoro, que ainda foi agora há duas semanas, que é a festa do antigamente. Feira Medieval. Fui lá uma vez, ainda por cima a choviscar, mas apanhei um estafanço danado a subir as escadas do Quebra-costas todas. E depois ainda me cansei mais a descê-las. E assisti a essa mesma festa uma vez que foi aqui na Praça Velha. Às outras não ligo importância nenhuma. Isso vejo mesmo sem querer. Passo lá e vejo aquilo, não quero comprar cebolas, não quero comer bifanas, não quero nada dessas coisas. [...] Festas da Cidade, isso vejo sempre a procissão do domingo, do regresso. Vou ali para a Rua da Sofia, não vou na procissão, estou a vê-la passar ali.

A *festa* não tem para o João o papel que tem para a Isabel ou o Paulo. Para estes dois, os momentos festivos funcionam como factor de entendimento com a cidade. O João, pelo contrário, é completamente descomprometido em relação a este tipo de eventos, a que só assiste casualmente e de passagem.

A relação com a sua habitação é ambígua: gosta do local pela centralidade e pela funcionalidade que lhe proporciona e considera que a casa tem boas condições de

habitação; no entanto, não se sente totalmente confortável. Se tivesse possibilidade, gostaria de mudar para uma casa maior, mas permanecendo na Baixa.

Gosto, gosto da Baixa porque vivo cá, estou habituado a aqui, tenho tudo à mão, não preciso de me esforçar muito para ir onde eu pretendo, onde eu preciso e, apesar de tudo, durante o dia, embora não esteja cá durante essa hora, só que aos fins de semana... a menina agora, quando sair, vai passar ali na Praça 8 de Maio, na Rua Visconde da Luz, vê meia dúzia de pessoas. [...] Sinto-me confortável mas não me sinto satisfeito. [...] Gostava muito de viver ali ao lado da Loja do Cidadão. [Noutra zona da cidade não?] Não. Exactamente porque estava desenquadrado daquilo que eu gosto que é a Baixa, está a perceber? Gosto da Baixa pelo comodismo que me dá para fazer a minha vida.

A centralidade do local e a comodidade que daí advém são, sem sombra de dúvida, a razão essencial da residência do João na Baixa. Neste momento não se identificam no seu discurso razões de carácter afectivo, mas apenas prático e funcional.

Como aspectos que valorizam a Baixa, o João aponta o comércio e a presença de turistas. Pelo contrário, para uma avaliação negativa, contribuem a pouca higiene das ruas, a criminalidade, a toxicodependência, a prostituição e a insegurança da zona.

As casas comerciais, o comércio. Zonas verdes aqui não há assim grande coisa, não é pelas zonas verdes que Coimbra se identifica porque não as tem e as que tem são poucas e não estão bem utilizadas. De maneira que, sobretudo, é o comércio e é a grande frequência de turistas estrangeiros em determinadas ocasiões. [Então isso dá valor à Baixa. E o que é que desvaloriza a Baixa?] Lixo. Esterco. Vandalismo, nunca se viu tanto vandalismo. É uma zona perigosa A Baixa da cidade é perigosa. A Baixa da cidade está despovoada, está desertificada. E depois é o antro da droga. A Baixa está crivada, agora talvez nem tanto, crivada de drogados e de bêbedos e de marginais e... Eu acho que se vivia melhor. Há 20 anos vivia-se... não se viveria bem, mas vivia-se melhor do que se vive hoje. Vivia-se melhor, vivia-se melhor, havia mais segurança. As pessoas não se, como é que eu hei-de dizer, não deixavam de fazer assim o seu passeiozinho à noite, no Verão, assim dar uma voltinha, vir ao café, beber uma bica, depois dar uma voltinha a apanhar um bocadinho de fresco.

O João identifica, então, uma série de problemas sociais que, segundo ele, têm lugar na Baixa, mais até do que noutras zonas da cidade, e que o levam a julgar a vivência na Baixa há 20 anos atrás como melhor do que a actual.

Entre a residência anterior e a actual, o João tem preferência pela última, por ser mais habitada e mais movimentada do que a anterior.

A diferença é que esta rua é muito mais movimentada, tem muito mais comércio variado, tem muito mais comércio e variado e, portanto, é zona de passagem para milhares de pessoas. Nesta gosto do facto de ser mais habitada. O que gosto menos é o esterco. Na outra, o que gostava menos era de ser pouco habitada e o que gostava mais era de ser mais sossegada.

4. Conclusões

Como referi previamente, o estudo aqui desenvolvido sobre os modos de vida na Baixa de Coimbra, privilegia como dimensões de análise as formas de integração local, os padrões de mobilidade e de percepção do meio envolvente apresentados pelos residentes, sustentando a hipótese de uma íntima relação entre as três dimensões. No caso em estudo, importa salientar, como agentes promotores da integração dos indivíduos na Baixa de Coimbra, a presença de redes familiares, de amizade, e as relações próximas de vizinhança. Qualquer um destes factores contribui para a formação de redes de interconhecimento e solidariedades, de importância crucial no contributo para uma sensação de satisfação ou frustração relativamente ao espaço urbano em que se desenvolvem. As relações de interconhecimento que se estabelecem são, como em muitos outros contextos urbanos, “altamente estruturantes da vida social da população residente [e] dos seus padrões de conduta” (Costa, 1999: 298).

Umhas vezes com maior, outras com menor intensidade, coexistem sentimentos de satisfação e frustração nos discursos aqui apresentados, confirmando o cariz heterogéneo do espaço urbano, vivido e sentido de forma plural, investido de significações diversas pelos seus habitantes.

Assim, se alguns indivíduos estabelecem em contexto urbano relações sociais próximas, que contemplam redes de solidariedades, de vizinhança e de conhecimento mútuo, outros ficam-se por algumas relações frágeis, fugazes, distantes e impessoais. Aliás, Jean Rémy e Liliane Voyé defendem que o que tem vindo a observar-se em contexto urbano é que, se para alguns indivíduos a cidade promove o desenvolvimento relacional, para outros, favorece o “anonimato, ao passo que outros ainda limitam nela as suas relações às que a vizinhança lhes proporciona” (Rémy e Voyé, 1994: 13).

A Isabel, por exemplo, mantinha relações bastante próximas com os membros da vizinhança anterior, encarada como uma família e fonte segura de ajuda. Actualmente, não conhece os seus vizinhos e não mantém qualquer género de relação com eles. O mesmo acontece com o João, para quem a vizinhança é fonte de perturbação e inquietação. Já o Paulo revela uma posição intermédia, mais equilibrada: não tem proximidade relacional com os vizinhos mas conhece-os e não sente quaisquer problemas com eles.

Estas relações constituem, assim, um factor complexo de integração e de sociabilidade em que, acima de tudo, os discursos sobre vizinhança nem sempre correspondem às práticas que ela envolve.

Para o Paulo, as redes familiares foram um factor importante para a residência na Baixa. No entanto, não se revelaram, posteriormente tão relevantes, uma vez que não usufrui da companhia dos seus familiares nas actividades quotidianas que realiza na Baixa. A Isabel vive com o filho, uma das suas companhias rotineiras na zona. O João, por fim não tem nem nunca teve familiares a residir perto de si na Baixa. Desta forma, a família revela-se um factor de menor importância quando comparado com as redes de amizade, que desempenham, por sua vez, uma papel essencial na integração destes três indivíduos na zona de residência. É com alguns amigos que frequentam os mesmos espaços que ele na Baixa que o João convive durante o dia; é com as vizinhas da residência anterior, suas amigas, que a Isabel frequenta acontecimentos festivos e espaços, quer na Baixa, quer noutros locais da cidade; por fim, é com os amigos que o Paulo usufrui dos espaços de lazer na Baixa, apesar daqueles não residirem na zona.

Em última instância, as relações de amizade que se estabelecem na Baixa, mais do que os laços familiares e as relações de vizinhança, contribuem não só para a integração dos residentes na zona, mas também para um sentimento de satisfação relativamente à vivência naquele espaço urbano.

Ainda assim, nem só razões de carácter afectivo contribuem para essa satisfação. De facto, o espaço da Baixa é frequentado por dois motivos distintos principais: afectivos e funcionais. As razões que justificam a frequência de diversos locais da zona são, por um lado, a proximidade e respectiva comodidade e, por outro, o interconhecimento entre indivíduos, a presença de amigos, a simpatia e o hábito de frequência desses espaços.

Os primeiros estão claramente incluídos numa relação funcional, enquanto os segundos se inscrevem numa lógica afectiva. São também estas lógicas que justificam a relação que os residentes mantêm, não só com a própria habitação, mas com a zona em geral. Tanto a Isabel como o João demonstram uma relação ambígua com a habitação: as saudades da vizinhança anterior, no caso da Isabel, e a agitação provocada pelos vizinhos, pelo comércio e pelo trânsito, no caso do João, concorrem contra o sentimento de satisfação apresentado, no entanto, por ambos no que respeita à residência na Baixa. O gosto pela localização da casa e as características físicas do local são os motivos de

ordem afectiva que justificam a relação positiva mantida com a Baixa. O conforto que a habitação proporciona, a centralidade do local, o sossego da zona e a presença dos equipamentos considerados necessários são as razões de ordem funcional que justificam aquela relação.

É em consequência deste sentimento de satisfação que se verifica, muitas vezes, um carácter sedentário da vida quotidiana dos residentes da Baixa. O João, por exemplo, sai da Baixa apenas uma ou duas vezes por mês por questões profissionais. De resto, toda a sua vida quotidiana é realizada na zona de residência, demonstrando, assim, baixíssimos níveis de mobilidade.

Neste sentido, se para os residentes mais jovens, como o Paulo, a cidade tem muito mais para oferecer além da Baixa, para os mais idosos a Baixa é, muitas vezes, um “centro sem cidade. Para muitos dos residentes, as trajectórias das suas vidas quotidianas, a percepção do espaço urbano, a proximidade do local de residência ao local de trabalho, fazem com que, para além da Baixa, em Coimbra, pouco mais exista” (Fortuna, Ferreira e Peixoto, *no prelo*). Este facto vai, aliás, ao encontro da ideia defendida por J. Rémy e L. Voyé de que, nos bairros antigos das cidades, a população pode viver a curta distância de outros locais mais animados e com equipamentos mais desenvolvidos “sem, contudo, os utilizar para além do estritamente necessário e sobretudo sem ser atraída por eles” (Rémy e Voyé, 1994: 100).

Relativamente à percepção que tem do meio envolvente, o Paulo caracteriza a zona como tendo uma identidade própria, distinta do restante espaço da cidade. Segundo ele, existe uma proximidade nas relações sociais e uma noção de comunidade entre os residentes da Baixa que não têm lugar noutros contextos da cidade. A Isabel e o João, pelo contrário, apontam, genericamente, os pontos fortes e as desvantagens da zona mas não identificam nunca traços que lhe sejam exclusivos.

Curioso aqui é perceber que o Paulo, apesar de referir a sensação de comunidade que, na sua opinião, existe na Baixa, mantém-se permanentemente à distância, não só da vizinhança, como da zona em geral. Pelo contrário, a Isabel, ainda que não reconheça qualquer sensação deste género, é parte de um grupo no seio do qual têm lugar, efectivamente, as relações próximas sobre as quais o Paulo discursa mas que não experimenta na Baixa. Trata-se de práticas identificáveis no discurso do Paulo mas somente existentes na vida quotidiana da Isabel.

Considerando o discurso de cada um destes residentes, é visível a satisfação dos três relativamente à residência na Baixa. No entanto, tendo em consideração o percurso biográfico de cada um, nem todos se encontram na melhor situação já experimentada.

Para o Paulo, a residência actual é, dentre todas, a que mais o satisfaz, quer pela localização e centralidade do local, quer pelo conforto que lhe oferece. O mesmo se passa com o João que, embora tenha sido levado a deixar a anterior, considera a residência actual mais atractiva e, por isso, prefere-a em detrimento da primeira. Nestes dois casos, as características quer do local, quer da própria habitação, concorrem para o sentimento de satisfação manifestado pelos dois residentes.

A Isabel, pelo contrário, encontra-se numa situação bastante diferente e, porventura, mais complexa. O seu discurso acerca da vivência actual na Baixa tem por detrás a experiência residencial anterior. Ainda que se encontre numa casa com melhores condições de habitação, esta não é, de longe, aquela em que se sente mais realizada ou feliz. Na residência anterior mantinha relações próximas de convívio e entreatajuda entre a vizinhança, factores que contribuem marcadamente mais para um sentimento de satisfação do que as boas condições da sua habitação actual.

Estas experiências de vida manifestadas nos discursos dos três residentes vão ao encontro da ideia defendida por A. Metton e M. Bertrand acerca da apropriação dos espaços vividos nas cidades pelos indivíduos. Segundo os autores, é em função da presença de determinados equipamentos e funções que surgem, muitas vezes, sentimentos de satisfação ou frustração relativamente à vida colectiva e às condições materiais que a envolvem (Metton e Bertrand, 1974: 139).

A análise dos modos de vida até aqui desenvolvida permite-me, agora, classificar três perfis distintos de viver a Baixa, de relacionamento afectivo e funcional com o espaço, ou seja, de identificação territorial.

O primeiro perfil a que pretendo referir-me é o personificado pelo Paulo e tem como traços essenciais um compromisso com a Baixa apenas na relação desta zona com a restante cidade. A Baixa, isoladamente, não constitui para o Paulo uma zona de forte ligação identitária, visto que a sua relação é perfeitamente descomprometida, baseada num modo de vida muito mais cosmopolita por comparação ao João e à Isabel.

O João, por sua vez, representa outro tipo de perfil, caracterizado pelo compromisso com a Baixa apenas pelas facilidades e comodidades que a centralidade do local lhe oferece. A zona é, então, entendida como um agregado espacial que, apesar

de algumas peculiaridades, não é sentida como espaço segmentado. Neste sentido, o João, embora manifestando preferência por locais específicos, usa o espaço da Baixa indistintamente, como um todo.

Para a Isabel, que representa o último perfil de experienciar a Baixa, este é um quadro quotidiano de interacção fragmentado, dividido em espaços perfeitamente definidos. A Isabel revela, assim, um modo de vida envolvido com ruas específicas, a rua onde viveu durante quarenta anos e a rua onde reside actualmente, dotadas de um enorme sentido afectivo, e por referência às quais toda o seu dia-a-dia é programado.

De forma sucinta, poder-se-á afirmar que o comprometimento do Paulo se dirige à cidade e não à Baixa, enquanto que o João revela uma ligação funcional à zona e a Isabel um compromisso afectivo com áreas específicas e bem delimitadas da Baixa.

Encerrando as implicações que explorei ao longo do texto, cada um dos perfis identificado corresponde, então, a uma forma de relação com a Baixa: a modos distintos mas complexos e, muitas vezes, sobrepostos ou até antagónicos, de sentir, apropriar e de viver o espaço.

Admitindo que “a morfologia tem a sua eficácia própria nas relações sociais [...] mas [que] essa eficácia não se manifesta só por si” (Costa: 1999: 308), os modos de vida na Baixa seriam, com certeza, bem diferentes se a população residente fosse dotada de características sociais e culturais que não as identificadas, até porque há todo um conjunto de mecanismos territorial e simbolicamente construídos que regulam a vida social das populações.

Neste sentido, estou certa de que muitas outras interpretações poderiam ser construídas a partir dos percursos biográficos e discursos que aqui apresentei ou, por outro lado, de discursos de outros residentes com características diferentes. Não se tratando, então, de um produto acabado, espero, ainda assim, que este texto possa contribuir para esclarecer e clarificar elementos que, por vezes sem a investigação e fundamentação suficientes, são atribuídos à Baixa, à população que aí reside e às condições de vida que a zona proporciona.

Referências bibliográficas

- Ascher, François (1998), *Metapolis: acerca do futuro da cidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Baptista, Luís Vicente (2003), “Territórios, imagens e poderes”, in Graça Índias Cordeiro; Luís Vicente Baptista; António Firmino da Costa (orgs.), *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta Editora, 35-42.
- Catarino, Maria Lúcia (1995), *As novas formas comerciais e as áreas centrais das cidades – o caso de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em Economia Europeia.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro*. Oeiras: Celta Editora.
- Dias, Pedro (1992), “Duas breves reflexões sobre a política de salvaguarda do património”, CEFA, *I curso de gestão do património cultural – Comunicações*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 95-106.
- Fortuna, Carlos (2002), “Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 123-148.
- Fortuna, Carlos (org.) (2003), *Intermediários Culturais, Espaço Público e Cultura Urbana: um estudo sobre a influência dos circuitos culturais globais em algumas cidades portuguesas*. Coimbra: CES-FEUC. Relatório de Investigação.
- Fortuna, Carlos; Ferreira, Claudino; Peixoto, Paulo (no prelo), “Centros das cidades e políticas de requalificação urbana. Observações sobre o caso da Baixa de Coimbra”, *Actas do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia*.
- Fortuna, Carlos; Peixoto, Paulo; Gomes, Carina (2005), “Processo de Renovação Urbana e Social da Baixa de Coimbra – Sociologia”, *Construção Magazine*, 13, 5-12.
- Góis, Pedro (1998), “Coimbra: Análise da evolução da(s) imagen(s) da cidade a partir de monografias históricas e/ou de outro papel impresso”. Coimbra: Documento de trabalho.
- Gomes, Carina Sousa (2005), *Modos de vida nas cidades e processos de reabilitação urbana: o caso da Baixa de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Dissertação de Licenciatura em Sociologia.
- Gomes, Margarida Maria Reis (1995), *A reconversão de antigos espaços industriais – Estudo da área central de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em Geografia.
- INE (2002), *Anuário Estatístico da Região Centro – Ano 2001*.

- McCracken, Grant (1988), *The Long Interview*. Newbury Park, London/ New Delhi: Sage Publications.
- Mela, Alfredo (1999), *A Sociologia das Cidades*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Metton, Alain; Bertrand, Michel-Jean (1974), “Les espaces vécus dans une grande agglomération“, *L’espace géographique*, 2, 137-146.
- Michel, Barbara; Bassand, Michel; Lehmann, Philippe (1982), “Le voisinage: un théâtre expérimental de la vie quotidienne”, *Espaces et sociétés*, 41, 51-69.
- Nunes, Mário (2003), *Ruas de Coimbra*. Coimbra. GAAC.
- Peixoto, João (1990), “Elogio da Cidade”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 30, 97-112.
- Rémy, Jean; Voyé, Liliane (1994), *A cidade: Rumo a uma nova definição?*. Porto: Edições Afrontamento.
- Salgueiro, Teresa Barata (1992), *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, Lusitano dos (1983), *Planos de Urbanização para a cidade de Coimbra*. Coimbra: S/E.
- Shields, Rob (1992), *Places on the Margin – Alternative Geographies of Modernity*. London/ New York: Routledge.
- Simmel, Georg (2001), “A metrópole e a vida do espírito”, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização – Ensaio de Sociologia*. Oeiras. Celta Editora, 31-43.
- Wirth, Louis (2001), “O urbanismo como modo de vida”, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade Cultura e Globalização – Ensaio de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, 45-65.